

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO DOMÍNIO DAS PARTES DO CORPO

Lyris Wiedemann

PHD — Stanford Univ. USA

I — INTRODUÇÃO

A linguagem (inclui-se nesse termo comunicação verbal e não-verbal) não constitui um domínio isolado no desenvolvimento do ser humano. Em outras palavras, a criança aumenta e amadurece seu comando da linguagem ao mesmo tempo que desenvolve outros aspectos da mente e do corpo. Como nota Clark (1974, p. 105), "a língua não se desenvolve in vacuo: desenvolve-se com a função de representar pensamentos, percepções e sentimentos. É um sistema comunicativo criado para comunicar a Y o que X pensa, sente ou vê. Por isso, a linguagem está indissolúvelmente ligada aos fatores conceptuais que lhe são subjacentes".

Em virtude de suas funções representativa e comunicativa, a linguagem pode nos fornecer um meio de analisar a mente da criança. É através da linguagem que a criança exterioriza o que vê, pensa e sente, e através dela podemos ter acesso à mente infantil. Slobin (ap. Clark, 1974, p. 106) sugere que o desenvolvimento cognitivo é a base da aquisição da linguagem. Por outro lado, contudo, a linguagem também tem sido utilizada para tratar e corrigir problemas cognitivos. Se conseguimos fazer com que uma criança represente seus pensamentos, sentimentos ou emoções através da linguagem, estaremos não apenas descobrindo o que está em sua mente, mas também auxiliando-a a resolver certos tipos de problemas e dificuldades (Ungaretti, 1976). Portanto, estudos lingüísticos que envolvam o léxico, a sintaxe, a fonologia e a morfologia infantis são de interesse não apenas para os lingüistas, mas também para estudiosos de outras áreas, tais como psicólogos, professores, médicos e antropólogos.

O estudo do domínio léxico e da forma como a criança o adquire oferece também interesse teórico por si só. Conforme menciona Liston (1972, p. 323), ele pode aumentar nosso conhecimento sobre a cultura dentro da qual a criança se insere, e, além disso, levar a novas proposições metodológicas, bem como sugerir novas áreas de estudo.

Este artigo analisa uma área muito restrita na aquisição do léxico infantil: a aquisição de termos relacionados às partes do corpo. Já que, tanto quanto pude verificar, a literatura de pesquisa é limitada nessa área, este é um estudo exploratório. Seguindo a orientação de Seltiz et alii (1966) para tal tipo de estudo, seu objetivo principal é o levantamento de hipóteses nessa área de conhecimento, a fim de que outros estudos possam ser desenvolvidos no futuro. Por esse motivo, não houve uma formulação prévia de problemas de pesquisa, nem se levantaram hipóteses, na expectativa de que ambos pudessem emergir espontaneamente durante a investigação.

Com base nesses princípios, três áreas foram exploradas: a) a literatura publicada nesse campo de conhecimento; b) sete estudos de aquisição da linguagem desenvolvidos com outros objetivos que, graças à sua natureza, permitiram que se coletassem dados relevantes para esta pesquisa; c) dados complementares, coletados através de entrevistas com quatro crianças. As seções que se seguem relatam a exploração dessas três áreas, e são seguidas por uma análise comparativa. Concluindo o trabalho, são apresentadas algumas conclusões gerais e sugestões para futura pesquisa.

II - EXPLORANDO A LITERATURA TEÓRICA

Já que praticamente nada se encontrou em relação à aquisição do domínio léxico das partes do corpo, pareceu-me a princípio adequado iniciar este estudo através da exploração da literatura, de duas formas: (1) analisando como a aquisição infantil da semântica em geral é explicada por diferentes autores; b) analisando de que maneira(s) a literatura aborda o domínio semântico específico das partes do corpo.

No primeiro caso, contudo, uma análise inicial da literatura indicou que revisões mais do que apropriadas já existem. Por exemplo Clark (1973-a) produziu uma excelente visão panorâmica

das proposições teóricas existentes. Como esse mesmo trabalho e outros (p. ex., Clark, 1973-b; 1974; 1975 e Clark & Garnica, 1974) oferecem também informação substantiva em termos do que se fez até o momento em termos de investigações empíricas, minha decisão foi abandonar a primeira alternativa mencionada acima, e concentrar meus esforços na análise de referências ao domínio das partes do corpo na literatura. Para facilitar a leitura do artigo, contudo, um sumário das teorias de aquisição da semântica será apresentado em primeiro lugar.

A. Teorias de aquisição da semântica

Clark (1973-a) menciona a existência de três posições básicas com respeito à aquisição da semântica, ao mesmo tempo que propõe um outro posicionamento. As três "teorias" são formuladas em termos de hipóteses. A primeira é a Hipótese de Relações Gramaticais, de McNeill, a segunda é a Hipótese da Generalização, de Anglin, e a terceira constitui a Hipótese dos Primitivos Universais, de Postal e Bierwisch. Embora os três posicionamentos tenham diferenças sensíveis, é possível apontar algumas semelhanças entre eles. Por exemplo, nenhum dos três autores acima documenta ou explica como a criança utiliza a semântica nos estágios iniciais de seu desenvolvimento, e nenhum deles pesquisou crianças com menos de seis anos de idade.

O pressuposto básico de McNeill (ap. Clark, 1973-a) é que, num período inicial, as crianças têm uma espécie de "dicionário", para significados da frase, em que cada item se liga a todas as relações gramaticais em geral. Conforme esse autor, traços semânticos não existem nessa fase. A criança reorganiza o seu dicionário no início do estágio de desenvolvimento em que começa a utilizar duas palavras, em vez de uma, e desenvolve o léxico horizontalmente (apenas alguns dos traços semânticos associados à palavra entram no dicionário) ou verticalmente (todos os traços semânticos entram no dicionário ao mesmo tempo). O autor não discute qual dessas duas proposições seria a mais acertada.

Anglin (ap. Clark, 1973-a; Anglin, 1976), por sua vez, julga que o desenvolvimento semântico ocorre após o processo de generalização; a criança começa a atribuir sentido às palavras do concreto para o abstrato, e a aquisição dos itens léxicos se relaciona

à aquisição mais geral dos conceitos superiores. Por exemplo, esse autor sugere que a criança aprende noções de classe específica muito mais tarde.

A hipótese de Postal, que foi ampliada por Bierwisch (ap. Clark, 1973-a) é que existem primitivos universais comuns a todas as línguas, e que as diferenças entre estas podem ser explicadas através de regras diversas, referentes à combinação dos primitivos em itens léxicos diferentes. Esse autor afirma que os primitivos universais são inatos, e que a criança aprende as relações entre conjuntos fixos de primitivos semânticos e conjuntos de propriedades fonológicas e semânticas característicos de cada língua. Portanto, todas as línguas podem ser reduzidas a componentes comuns, representando a disposição das estruturas cognitivas do organismo humano.

A crítica que se pode fazer a essas três posições, de acordo com Clark (1973-a), além da já mencionada falta de empiricismo, é a seguinte. McNeill dá prioridade absoluta às relações gramaticais, não menciona uma ordem na aquisição dos traços semânticos, e não define sua natureza. Anglin, sem também explicar como a criança usa palavras adequadamente desde cedo, identifica conhecimento de classes com desenvolvimento semântico, o que não é, necessariamente, verdadeiro; além disso, esse autor omite a natureza de cada "entrada" léxica no dicionário, o que seria fundamental para dar mais força à sua teoria. Por sua vez, a posição de Postal, por um lado, é perfeitamente plausível, e oferece contribuições para a teoria do desenvolvimento, mesmo considerando sua excessiva simplificação da aquisição das propriedades sintáticas e fonológicas; por outro lado, contudo, sua hipótese é difícil de ser verificada, já que não dispomos, presentemente, de condições para identificar os primitivos.

O posicionamento de Clark (1973-a) é diferente em alguns pontos. A autora sugere que, nas primeiras fases, a criança que está adquirindo sua língua materna não conhece todo o significado atribuído pelos adultos às palavras, e limita-se a alguns dos traços semânticos que compõem esse conjunto. Alguns dos erros que a criança faz são, portanto, devidos à ausência da combinação correta dos traços semânticos, e de uma noção mais ampla de cada categoria. Através de evidência empírica, Clark sugere que os primeiros traços semânticos usados pela criança são derivados de suas percepções, e que, numa fase posterior, ela aprende que traços de-

semprenham papéis lingüísticos específicos. Ela também apresenta evidência de que os traços mais gerais são adquiridos mais cedo, e que os traços referentes a cada palavra são aprendidos separadamente.

Sumarizando, o que Clark propõe é que as entradas léxicas são adquiridas horizontalmente, e que a criança armazena informação semântica a partir dos primeiros estágios de desenvolvimento. A autora concorda com Postal na pressuposição da existência de um conjunto de primitivos semânticos, e com Anglin na visão do conhecimento semântico como intimamente associado às interpretações do organismo humano.

Já que a última hipótese é aquela para a qual mais evidência empírica se obteve até este momento, ela servirá de base para a análise que se segue. Contudo, quando necessário, as outras posições serão mencionadas.

B. Referência ao domínio das partes do corpo na literatura

Como em outras seções desse trabalho, esta revisão se propôs a ser exploratória, e não exaustiva. Por isso, três áreas da literatura em que se encontram referências ao domínio das partes do corpo foram incluídas: estudos antropológico-lingüísticos, estudos de desenvolvimento gráfico e artístico, e estudos clínico-psicológicos. A primeira área foi escolhida com base na pressuposição de que tais estudos forneceriam uma base teórica de alternativas para a análise do domínio léxico das partes do corpo; a segunda, porque pareceu interessante explorar a idéia de relacionar aquisição de linguagem ao desenvolvimento da expressão gráfica; finalmente, julguei que a terceira área poderia fornecer uma idéia mais específica da importância da aquisição desse domínio para o desenvolvimento psicológico da criança.

1. Estudos antropológico-lingüísticos

Nessa área, existe um número significativo de estudos relacionados às partes do corpo. Nesta seção, incluirei a análise de sete desses artigos, aqueles que me pareceram oferecer mais contribuições teóricas para pesquisa posterior.

Friedrich (1969; 1970) é o autor de dois desses estudos. Seu foco de análise em ambos é Tarascán, uma língua falada por uma população do sudoeste do México. O autor descreve três áreas nessa língua, que possui categorias codificadas para forma.

Uma dessas áreas é a dos sufixos utilizados para nomear as partes do corpo, usadas em grande escala como relações metafóricas. Friederich, relacionando esses sufixos com formas, sugere que a sua origem pode ser descrita da seguinte forma: em primeiro lugar, deve ter havido um traço identificando a forma; a seguir, essa forma deve ter sido relacionada a uma parte ou aspecto de uma determinada parte do corpo; finalmente, a forma se estendeu a atos sociais ou estados afetivos relacionados a ela (Friedrich, 1969, p. 4). Para dar um exemplo concreto, /para/, um sufixo que tem os traços semânticos de [- interior, + longo, + convexo] é o sufixo usado para se referir às costas do corpo humano ou de animais; refere-se igualmente às cascas das frutas e árvores, à parte exterior dos telhados, etc.; por fim, o sufixo é também usado para indicar crítica ou denúncias "casca social", ou como zombaria. O autor também salienta (1969, p. 7-8) que embora veja o traço da forma como o ponto inicial da seqüência, é claro que, do ponto de vista do falante, o corpo, sempre presente e objeto de atenção constante, pode ser na verdade o início real da cadeia semântica.

Há duas outras idéias de Friedrich que julgo importantes para este trabalho. A primeira é que, apesar de não fornecer dados empíricos para comprová-lo, o autor afirma que as crianças do grupo Tarascán aparentemente adquirem os sufixos das partes do corpo em primeiro lugar em relação aos outros usos. A segunda idéia é que ele julga que a estrutura dos subconjuntos referenciais (acima referidos como "fases") é universal. Em outras palavras, os mesmos fenômenos são observados em várias línguas, e a categoria da forma, bem como seu relacionamento com as partes do corpo, parece ser um universal tipológico na gramática, e de significado considerável para uma teoria semântica (Friedrich, 1970, p. 380).

Stark (1969) analisa a hierarquia do domínio das partes do corpo em quíchua. Essa pesquisadora investigou que partes do corpo são percebidas pelos falantes dessa língua e refletidas no seu léxico. Uma observação interessante em seu relato de pesquisa é que a especificidade dos termos aumenta à medida que se passa do geral ao particular. Por exemplo, o nível correspondente aos lexemas /corpo e alma/ é mais específico do que /ser humano/

e os lexemas correspondentes às partes do corpo apresentam um grau ainda maior de especificidade. Stark também nota que as nomenclaturas das partes do corpo e o domínio geográfico topológico coincidem em muitos aspectos. A informação mais relevante para o presente artigo, contudo, é que a nomenclatura das partes do corpo precede a geográfico-topológica historicamente. Em outras palavras, a história da língua registraria que certos termos são primeiro utilizados para nomear partes do corpo, e apenas posteriormente passam também a designar aspectos geográficos de forma correspondente.

Em outro trabalho, Werner & Begishe (1970) fazem exatamente a mesma observação ao descreverem a tipologia lexêmica do pé, na língua dos índios navajos. Esses autores afirmam que certos termos, nessa língua, foram primeiramente empregados para descrever partes do corpo humano, posteriormente se estendendo para incluir outros significados. Outro fato interessante mencionado na mesma fonte é que, na tradição navaja, existe uma ordem certa, ou mais apropriada, para descrever-se o corpo humano (id., ibid., p. 247). Essa ordem corresponde à ordem da criação do corpo humano segundo a mitologia navaja: pé, perna, quadris, tronco, ombros, braço, mão, pescoço e cabeça. Os autores não dizem se há uma valorização correspondente dessas partes do corpo na cultura navaja, como, por exemplo, na cultura tailandesa, na qual a cabeça é de longe considerada a parte mais importante do corpo, com reflexos no vocabulário (p. ex., um termo para "namorada" tem a mesma raiz do que "olho", enquanto um termo pejorativo para "escravo" ou "servo" é um cognato de "fezes" — Sampanvejsopa, 1977).

Da mesma forma que outros autores comentados até agora, Werner & Begishe (1970) sugerem a existência de universais subjacentes ao domínio das partes do corpo.

Liston (1972) estudou esse mesmo domínio no idioma sérvio-croata. Seu interesse se concentra na estrutura do domínio, e seus dados incluem algumas observações de interesse sobre a simetria da nomenclatura referente às partes do corpo.

Finalmente, McLure (1975) e Brown (1976) desenvolveram a idéia de universais na nomenclatura das partes do corpo, apenas sugeridos por outros autores, e revisaram os princípios classificatórios dessa área. A primeira autora comparou dados de quatro línguas (inglês, alemão, romeno e saxão) e a estrutura de suas classifi-

cações, sugerindo que o domínio das partes do corpo difere totalmente de outras hierarquias (como as da botânica, ou a relativa a doenças), no sentido que os componentes do corpo humano se relacionam entre si por constituírem "partes de um todo" em oposição a outras hierarquias em que os componentes se relacionam um ao outro por serem "tipos de uma mesma entidade básica". Exemplificando, a face é uma parte da cabeça, enquanto, por exemplo, um pinheiro é um tipo de planta. Naturalmente, há também relações de "parte de" em botânica, mas, como demonstra McLure, elas são predominantes na nomenclatura das partes do corpo. Brown (1976) desenvolve essa idéia, sugerindo o nome de "partonomia" para esse tipo especial de relacionamento; no caso do domínio em estudo, tratar-se-ia da partonomia anatômica. Comparando dados de quarenta e uma línguas, esse autor estabelece 12 princípios para as relações partonômicas, e tentativamente distribui o desenvolvimento dessa parte do léxico em quatro estágios.

Já que esse trabalho se refere à aquisição da nomenclatura pela criança, e não às estruturas em si, os estágios estabelecidos por Brown são de interesse maior do que os princípios. Brown sugere que a maioria, se não todas as línguas, distinguem as mesmas partes do tronco e cabeça, mas que há sensíveis diferenças na discriminação das partes dos membros. De acordo com sua proposição, os quatro estágios de desenvolvimento são:

1 - /braço e mão/ ou /perna e pé/ são, cada um, representados pelo mesmo lexema; /mão/ e /pé/ não são distinguidos nem conceptualmente, nem no léxico.

2 - a língua distingue /braço/ e /antebraço/ (incluindo-se no último a mão) e /coxa/ e /perna/ (incluindo-se no segundo termo o pé);

3 - /braço/ e /perna/ são usados para nomear todo o braço e toda a perna, ou para nomear /mão/ e /pé/, que são distinguidos conceptualmente, mas não lexicalmente.

4 - /mão/ e /pé/ são distinguidos conceptual e lexicalmente.

Brown salienta que esses estágios não se relacionam de forma alguma com o desenvolvimento cultural ou social, e que não são irreversíveis. Entretanto, embora as línguas possam passar de uma fase para outra, em ambas as direções, os estágios parecem ser contíguos, ou seja, nenhuma língua analisada atingiu o estágio 4 sem passar pelo 3, por exemplo.

Como já se mencionou anteriormente, o principal objetivo do presente estudo é levantar perguntas e hipóteses para futuras pesquisas. Além de sugerir diferentes metodologias e nomenclaturas, parece-me que esta seção sugere as seguintes conclusões:

a) a aquisição e extensão da nomenclatura das partes do corpo parece estar associada à noção de formas;

b) a referência a partes do corpo parece preceder a referência a extensões externas, e as extensões concretas precedem as abstratas;

c) as relações entre forma, partes do corpo e extensões metafóricas parecem ser universais;

d) é possível estabelecerem-se hierarquizações em termos de relacionamentos do tipo "parte de" no domínio léxico das partes do corpo;

e) as línguas variam na discriminação das partes do corpo, e parece haver estágios evolutivos definidos, comuns às línguas;

f) é possível que as línguas variem na hierarquizações de termos para descrever, perceber e avaliar o corpo humano;

g) parece haver uma tendência universal em dividir o corpo em três partes (cabeça, tronco e membros); as variações ocorrem apenas em relação aos lexemas referentes à terceira dessas partes.

2. Estudos de desenvolvimento artístico

Outra área que pode estar relacionada à aquisição da nomenclatura das partes do corpo é a das artes, e, mais especificamente, a do desenho e pintura. As figuras humanas são, de acordo com a literatura, um dos motivos preferidos das crianças (Kellog & O'Dell, 1967; Lowenfeld & Brittain, 1979; Lark-Horowitz et alii, 1973). Já que a criança também passa por vários estágios e fases na representação da figura humana, pareceu-me que seria interessante investigar se, por exemplo, pareceu-me que seria interessante investigar se, por exemplo, existe uma ordem específica na representação gráfica do corpo humano que possa ser relacionada com a aquisição do vocabulário.

Uma outra razão para tentar estabelecer relações entre expressão gráfica e verbal é que, como a língua, a expressão gráfica parece estar ligada ao desenvolvimento cognitivo. Por exemplo, um teste de inteligência bastante utilizado baseia-se na representação do corpo humano, e a quantidade de detalhes que a criança inclui

no seu desenho é considerada uma medida útil para classificar o estágio de desenvolvimento intelectual (Lowenfeld & Brittain, 1979, p. 129).

Lowenfeld & Brittain (1970) dividem o desenvolvimento gráfico da criança em seis fases, do estágio de garatuja, em que as linhas não parecem ter um sentido explícito, até o nível mais alto, já na adolescência. Esses períodos não são os mesmos para todos os autores (veja-se, por exemplo, Lark-Horovitz et alii, 1973), mas, tendo-se em conta os propósitos deste estudo, variações classificatórias não serão discutidas, sobretudo porque há unanimidade quanto ao primeiro estágio, já discutido, e o segundo, aquele em que aparece o corpo humano.

De repente, ao fim do estágio da garatuja, mais ou menos aos quatro anos de idade, as linhas sem sentido transformam-se em uma forma fechada (Kellog & O'Dell, 1963, p. 49). A figura humana é a usualmente o primeiro desenho reconhecível da criança, e a forma arredondada da cabeça é a primeira a ser desenhada. Harris (1963) afirma que parece existir uma ordem seqüencial em que as várias partes de uma pessoa aparecem no desenho; a cabeça primeiro mostrará olhos, boca e orelhas; a seguir, duas linhas verticais são acrescentadas à cabeça como pernas; depois disso, vêm os braços e as mãos; apenas depois o nariz é aparece; seguem-se a forma do corpo, e o pescoço. Como se pode ver, os detalhes vão aumentando progressivamente.

Um ponto interessante nesses desenhos é que cada parte é uma representação esquemática em si própria, ou seja, uma parte do corpo é desenhada independentemente da outra, e a criança aparentemente a acrescenta à medida que pensa nela. Algumas vezes, essa conexão pode ser estabelecida erradamente: os braços são ligados às orelhas, à cintura, ao queixo, e apenas mais tarde saem dos ombros. As linhas que representam as partes do corpo são também características: em geral, a criança desenha uma forma oval para o corpo, um círculo ou quadrado para o pescoço, linhas simples, mais tarde tubos, para as pernas e braços. O tamanho de cada parte pode ser exagerado: as crianças mais novas em geral fazem a cabeça bem grande, e também as mãos freqüentemente alcançam dimensões desproporcionais.

Esses fatos levaram os estudiosos a levantar várias hipóteses. Uma delas é a de que a criança se projeta no desenho. Ela não tem, nessa tenra idade, uma imagem completa de seu próprio corpo. Por

isso, vai representar primeiro o que conhece melhor, e os olhos, ouvidos e a boca (bem como o nariz) fazem a cabeça o centro da atividade sensorial nessa idade. Os braços e as pernas fazem a cabeça capaz de se movimentar, sendo por isso muito importantes. Lowenfeld & Brittain (1970, p. 119-20) afirmam que mesmo que a criança olhe para um modelo, enquanto desenha, as características do desenho não mudam; ela continuará, por exemplo, a desenhar apenas cabeças ligadas a pernas e braços.

Também é digno de nota que em geral a criança "sabe" mais a respeito de seu corpo do que desenha, já que ela identifica com facilidade a maioria de suas partes. Também é interessante salientar que há evidência de que crianças de cinco anos desenharam as partes anatômicas com mais precisão do que reconhecem essas mesmas partes em desenho de outras crianças (Lowenfeld & Brittain, 1970, p. 128).

Resumindo, a exploração da literatura dessa área parece confirmar a possibilidade de relacionamento entre o desenvolvimento lingüístico e gráfico, com base na existência, em ambos, de estágios ligados ao desenvolvimento cognitivo, bem como de prováveis universais. Ambos parecem ser formas válidas de atingir a mente da criança.

Além dessas, para este artigo, as conclusões mais importantes são:

- a) no desenho da figura humana, a criança parece representar apenas os traços mais importantes, em termos da sua imagem do corpo;
- b) a representação do corpo humano parece preceder qualquer outra representação gráfica reconhecível;
- c) parece haver universais no desenvolvimento da expressão gráfica;
- d) as partes do corpo são representadas independentemente, e conectadas umas às outras;
- e) existem estágios claros no desenvolvimento gráfico;
- f) o desenvolvimento gráfico parece acontecer mais tarde do que o lingüístico, embora ambos pareçam estar ligados ao desenvolvimento cognitivo.

3. Estudos clínico-psicológicos

Na seção anterior, o termo "imagem do corpo" ou "imagem corporal" foi utilizado mais de uma vez. Dada a importância atri-

buída na literatura à necessidade da criança possuir uma "imagem corporal" para o seu desenvolvimento, algumas fontes teóricas foram examinadas com o objetivo de definir melhor esse construto.

Arnheim et alii (1973, p. 53) definem imagem corporal como a percepção do relacionamento existente entre o corpo e os objetos externos, e do posicionamento do corpo em relação às forças gravitacionais. Outros conceitos importantes são "consciência do corpo" ("body awareness"), que é a combinação de todos os sentimentos relativos ao corpo (imagem corporal), "esquema corporal" (o ajustamento automático do corpo e dos músculos que é necessário para a postura e o movimento) e "conceito corporal" (o conhecimento fatural do corpo) (Frostig & Maslow, 1973, p. 162).

O autor do trabalho que pode ser considerado clássico nessa área (Schilder, 1950) diz que, porque vivemos constantemente com a consciência de nosso corpo, e, mesmo, através dela, nenhum acontecimento em nossas vidas pode ocorrer sem a participação de nossa imagem corporal. Mais ainda, conforme salientam Frostig & Maslow (1973, p. 162), o conhecimento do corpo está ligado ao ajustamento físico e emocional da criança. Esse fato tem sido largamente confirmado em dados de pesquisa empírica (veja-se, por exemplo, Wapner & Werner, 1957; Johnson, 1962; Schilder, 1964; Ajuriaguerra, 1965 — todos citados por Frostig & Maslow, 1973).

E da mesma forma o crescimento e desenvolvimento da imagem corporal que dá à criança o que se poderia chamar de uma "plataforma" para receber estímulos do mundo exterior. A medida que sua imagem corporal cresce e se desenvolve, a criança domina os movimentos, o que é básico para integrar as relações espaciais e temporais, bem como outros comportamentos cognitivos (Cratty, 1969; Frostig & Maslow, 1973). Esse crescimento está relacionado a toda aprendizagem subsequente. Como nota Cratty (1969, p. 193), a percepção apropriada do corpo, suas várias dimensões e partes, parece estar ligada às habilidades de organização espacial, de leitura, e da escrita, entre outras. O desenvolvimento da habilidade perceptiva é a base para a aquisição das demais competências, pois se os estímulos do meio-ambiente não podem ser interpretados acuradamente, a produção das respostas será menos eficiente.

A primeira noção que a criança desenvolve sobre as partes do corpo parece ser limitada, e os diferentes componentes corporais não são percebidos na mesma extensão (Schilder, 1950, por exem-

plo, diz que as imagens que temos das partes que vemos são diferentes daquelas que podemos tocar, mas não ver). A integração das partes do corpo em uma imagem total acontece normalmente ao redor dos sete anos de idade (Arnheim et alii, 1973, p. 53). É interessante notar que sete anos é também a idade que Lowenfeld & Brittain (1970, p. 145) apontam como início do estágio de desenvolvimento gráfico que chamam de esquemático. Nesse estágio, a criança representa seus conceitos básicos do homem e do meio ambiente, aos quais chega após muita experimentação. É também importante salientar que os autores afirmam que esses conceitos são repetidos indefinidamente se outras experiências não levarem a criança em modificá-las.

Embora a totalidade das experiências da criança se reflita em seus sentimentos sobre seu próprio corpo, parece haver uma forma de influenciar esses sentimentos quando uma maturação normal não ocorre, e isso se faz através do treinamento de movimentos. O treinamento pode incluir jogos em que a criança reconheça a posição de seu corpo em relação a objetos (por exemplo, seguindo ordens de se colocar sobre, debaixo, ao redor, dentro ou fora de algo). Para a criança que vive seus primeiros anos, o movimento é essencial, porque através dele ela aprende tanto a perceber, como verificar a correção de suas próprias percepções. No ensino corretivo, naturalmente a linguagem também é algo essencial, pois assiste o desenvolvimento do pensamento (Frostig & Maslow, 1973, p. 93, 187). Conceitos tais como distância, duração, verticalidade, lateralidade, direcionalidade (que envolve distância, duração, orientação espacial, tempo, sincronia e ritmo) parecem ser **componentes diretos da imagem corporal** (Arnheim et alii, 1973, p. 54-6 — a ênfase é minha). A razão disto é que a projeção de percepções visuais para fora do corpo tem implicitamente como pré-requisito a imagem corporal.

Em suma, esta breve revisão da literatura mostra que as relações entre imagem corporal e todo o desenvolvimento cognitivo são consideradas mais do que importantes: são essenciais, um pré-requisito sem o qual a aprendizagem como um todo pode ser prejudicada.

Para fins deste estudo, é importante também manter em mente os seguintes pontos:

a) a aquisição da imagem corporal parece depender basicamente de experiências psicomotoras, e considera-se que todas as relações espaciais e temporais dependem dela.

b) o desenvolvimento da imagem corporal parece ser um pré-requisito para o desenvolvimento da linguagem e da expressão gráfica, e a extensão em que o primeiro se realiza será refletido nesse último.

c) nada leva a crer que o relacionamento acima mencionado não seja universal.

d) é apenas aos sete anos de idade que a criança integra as noções das partes do corpo, adquirindo uma noção do todo.

e) há estágios evolutivos na aquisição da imagem corporal (Schilder, 1950).

III – EXPLORANDO RELATOS SOBRE DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

A. Introdução

O principal objetivo do estudo relatado nesta seção foi investigar se alguma hipótese ou problema de pesquisa emergiriam dos dados empíricos à disposição da investigadora. A etapa anterior sugeria duas idéias a serem exploradas, e essas constituíram os objetivos específicos desta parte do estudo: 1. determinar o número de palavras, nos dados, que se referem a partes do corpo; 2. determinar que termos são adquiridos em primeiro lugar pela criança.

As fontes dos dados consistem em relatos, em geral colhidos em forma de diários, por sete autores, que são: Moore (1896); Boyd (1914); Grant (1915); Nice (1915); Leopold (1939); Weir (1962) and Smith (1973). Todos os diários incluem dados do inglês, e um deles, referente a uma criança bilingüe, inclui também dados do alemão (Leopold, 1939).

A limitação inerente a esse tipo de análise é, naturalmente, a diferença entre os vários materiais. Por exemplo, um dos estudos acima mencionados (Weir, 1962), inclui apenas dados referentes às produções lingüísticas de uma criança logo antes de dormir, quando sozinha, no berço, falando consigo própria, e a própria

autora do relato comenta que, comparado ao desempenho lingüístico durante o dia, a pobreza de vocabulário e de tópicos nos monólogos é surpreendente. Também a duração das observações varia muito. Alguns relatos oferecem dados contínuos relativos a um período relativamente curto (por exemplo, Smith, 1973); outros oferecem dados colhidos em circunstâncias específicas bastante diferentes (p. ex., Boyd, 1914); outros, ainda, apresentam apenas listas de vocabulário sem especificar os momentos ou métodos de coleta de dados (Moore, 1896). Por fim, os informantes apresentam diferenças entre eles próprios em termos de características dialetais, meio ambiente, e outros aspectos que não serão incluídos neste estudo exploratório.

B. Informantes

A população de informantes inclui sete crianças, quatro meninas e três meninos. Todos eram falantes nativos de inglês; uma menina era bilingüe em inglês e alemão. A idade dos informantes, quando da coleta de dados, varia de um a quatro anos de idade, conforme pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1
INFORMANTES E RESPECTIVAS IDADES
DURANTE AS OBSERVAÇÕES

INFORMANTES	IDADE EM MESES
A (Boyd, 1914)	17; 24; 36; 48
B (Grant, 1915)	12-26
C (Leopold, 1939)	0-24
D (Moore, 1896)	0-24
E (Nice, 1915)	18; 24; 36; 48
F (Smith, 1973)	26-48
G (Weir, 1962)	30

C. Instrumentos

Todos os dados foram coletados de diários e/ou listas elaborados ou pelo pai ou pela mãe da criança, e apresentados em forma de relato. Conforme já foi mencionado, o grau de detalhe dos diários varia consideravelmente.

D. Critérios de análise

Dos dados apresentados nos diários, apenas as palavras referentes às partes do corpo foram incluídas, com a data real ou aproximada da ocorrência do vocábulo. A seguir, essas palavras foram colocadas em ordem cronológica. Um primeiro aspecto a emergir da análise foi que há dados para todos os informantes até a idade aproximada de dois anos e meio; após essa idade, os dados disponíveis referem-se apenas a três informantes. Por essa razão, decidi arbitrariamente considerar a existência de dois estágios, válidos apenas para o presente estudo: o primeiro estágio inclui as palavras adquiridas até os dois anos e seis meses de idade; o segundo, as palavras adquiridas após essa idade-limite.

E. Resultados e discussão

1. Primeiro estágio

A Tabela 2 apresenta os dados relativos às primeiras palavras da nomenclatura corporal adquiridas pelos informantes. No caso do informante A, os números em parênteses se referem a aquisições feitas numa idade mais tenra do que as demais palavras, já que se combinaram duas listas para construir os dados desse informante nesta tabela. A primeira lista foi identificada sob o rótulo "18 meses", mas não se sabe quando cada uma das palavras ocorreu, especificamente. Neste caso e nas demais ocorrências, a ausência de números em parênteses indica ausência de dados relativos ao mês de aquisição; os dados, nesses casos, são apresentados em ordem alfabética. Nos outros casos, os números em parênteses representam o mês da idade da criança em que a palavra foi adquirida. Dentro de cada mês, quando a ordem de aquisição não foi indicada, as palavras foram colocadas em ordem alfabética. Os dados serão discutidos em termos de quantidade e qualidade das palavras adquiridas pelas crianças.

Tabela 2
PRIMEIRAS PALAVRAS REFERENTES A PARTES DO CORPO ADQUIRIDAS PELA CRIANÇA

INFORM. A	INFORM. B	INFORM. C INGLÊS	INFORM. C ALEMÃO	INFORM. D	INFORM. E	INFORM. F	INFORM. G
arm bosom brow cheek (1) chin ear (1) eye face feet (1) finger hair hand knee leg (1) mouth nail (1) neck (1) nose skin teeth (1) thumb toe	mouth (16) hand (16) feet (17) forehead (17) hair (17) ear (17) eye (17) chin (18) nose (18) teeth (18) beard (19) face (19) lap (19) nail (19) neck (19) back (19) cheek (19) feet (19) heel (19) finger (20) knee (20) leg (20) lip (20) shoulder (20) toe (20) arm (21) elbow (21) finger (21) stomach (21) waist (21) wrist (21) dimple (22) fingernail (23) skin (23) tongue (23) vein (23) bones (23) breast (23) throat (26)	eye (19) knee (19) nose (20) ear (20) feet (22) mouth (22) neck (22) hair (23)	Bauch (18) Auge (19) Knie (19) Nase (20) Fuss (22) Haar (22) Zunge (23)	back body chin eye ear feet finger hand beard heart lap leg lid mouth nose nail neck nipple stomach teeth tongue thumb toe	ear eye finger foot hair hand head knee mouth nose toe	tongue (24) arm (26) back (26) cheek (26) elbow (26) eye (26) feet (26) finger (26) hand (26) head (26) knee (26) mouth (26) nipple (26) nose (26) penis (26) skin (26) teeth (26) tongue (26) beard (26) neck (28) eyebrow (28) behind (28) eyelash (28) face (29) hair (29) thumb (29) tummy (29) blood (30) chin (30) chin (30) front (30) leg (30) lip (30) lung (30) muscle (30)	back behind ears face feet fingers hair hand head leg nail stomach thumb trunk
TOTAL: 22	TOTAL: 40	TOTAL: 8	TOTAL: 7	TOTAL: 23	TOTAL: 11	TOTAL: 36	TOTAL: 14

a) Quantidade de palavras

Como se pode observar na tabela, o número de palavras varia consideravelmente entre as crianças, de um mínimo de sete (Informante C, em alemão) a um máximo de 40 (Informante B). Não se pode ignorar, examinando esses dados, que eles foram coletados em circunstâncias muito diferentes, e que essas circunstâncias podem ter afetado os resultados. Da mesma forma, o período de coleta de dados varia. Por exemplo, o informante que apresenta o maior número de palavras (informante B) foi observado até a idade de 26 meses. A Tabela 3 mostra lado a lado os intervalos das coletas de dados nesses períodos, e o número total de palavras apresentadas por cada informante. Também se indica, na mesma tabela, se as observações foram contínuas (C) ou discretas (D).

Tabela 3
IDADES E TOTAL DE PALAVRAS OBSERVADOS
NO PRIMEIRO ESTÁGIO

INFORMANTE	IDADE	CONTÍNUA/ DISCRETA	TOTAL DE PALAVRAS
A	17 e 24 m.	D	22
B	12 a 26 m.	C	40
C	0 a 24 m.	C	Inglês: 8 Alemão: 7
D	0 a 24 m.	C	23
E	18 e 24 m.	D	11
F	26 a 30 m.	C	36
G	30 m.	C*	14

* — Em circunstâncias especiais.

Pelos resultados apresentados na Tabela 3, podemos ver que o limite superior das idades de cada informante é mais importante do que o número de observações realizadas. Em outras palavras, quanto mais velho o informante, mais palavras ele usa, o que parece a conclusão natural a que o senso comum levaria. Também pare-

ce existir uma espécie de inter-relação entre o limite superior das idades e o fato da observação realizada ser contínua, isto é, os resultados favorecem aqueles informantes que, além de terem sido observados até uma alcançarem mais meses de idade, foram também observados continuamente, o que também não seria difícil de prever. Naturalmente, deve também ser levado em conta que os resultados podem haver sido influenciados por características individuais e de meio ambiente. Uma conclusão, tentativa que pode ser levantada com base nos dados acima é que a aquisição das partes do corpo pode estar relacionada com a idade do informante, e, portanto, com o desenvolvimento cognitivo. Discutir-se-á subseqüentemente se as observações contínuas são melhores do que as observações discretas.

Outra observação que se poderia fazer com vistas a pesquisa futura, em relação ao número de palavras produzido pelos informantes, seria calcular a proporção que as palavras relativas às partes do corpo representam no vocabulário total de cada criança, algo que não se fez no presente estudo. Boyd (1914) e Nice (1915), por exemplo, apresentam resultados conflitantes no que se refere a esse aspecto: o primeiro estudo relata que a proporção das palavras referentes às partes do corpo no vocabulário total da criança aumenta com a idade; no segundo estudo, os resultados mostram que a proporção diminui.

b) Tipos de palavras

Embora seja difícil fazer generalizações referentes aos dados, em face de sua grande diversidade, é ainda possível traçar algumas conclusões com base nos mesmos.

(1) Nomenclatura das partes vs nomenclatura do todo:

No que se refere à aquisição da nomenclatura das partes do corpo e do todo que ele representa, pode-se observar que os informantes apresentam uma tendência pronunciada a adquirir a nomenclatura que se refere às partes em primeiro lugar, ou seja, utilizando a terminologia teórica existente na área, a nomenclatura referente aos níveis mais elevados da partonomía anatômica. Por exemplo, quando os dados relatam a ordem exata de aquisição de vocábulos, palavras como "olho", (eye) "boca" (mouth), "orelha" (ear) são adquiridas antes do que termos como "cabeça"

(head), e "cara" ou "face" (face). Da mesma forma, "mão" (hand) parece ser adquirida antes do que "braço" (arm). As exceções que aparecem são "dedo" (finger)/"mão" (hand) e "dedo do pé" (toe)/"pé" (foot); nesses exemplos, o nível mais baixo da partonomia ("mão" e "pé" parecem ser adquiridos antes do nível mais elevado. Detalhes mais específicos como "pestanda" (eyelash), "unha do dedo do pé" (toenail) ou "covinha" (dimple), "calcanhar" (heel) (esses dos últimos lexemas não-analisáveis) são também adquiridos mais tarde.

Um outro fato que deve ser levado em conta é que apenas um informante (D) revela domínio do nível zero na partonomia anatômica ("corpo" (body)), que seria o de grau mais abrangente em inglês. Entretanto, não se pode afirmar que as palavras que não foram analisadas neste estudo, tais como "nenê" (baby), menino(a) (boy/girl) não representem essa noção geral.

Com base nesses dados, pode-se afirmar que a aquisição das primeiras palavras referentes ao corpo têm uma tendência de ser feita das partes para o todo, do particular para o todo. Isso não parece ser verdade, contudo, quando se trata de detalhes muito específicos, o que é compreensível e lógico. A criança inicia sua aquisição da nomenclatura das partes do corpo no nível 3 ou 4 da partonomia anatômica.

(2) Ordem de aquisição: outras tendências

Quando a ordem de aquisição dos termos utilizados pelo informante é relatada nos estudos acima, os dados da Tabela 2 parecem indicar que há predominância em nomear primeiramente as partes da cabeça (especialmente na face) e extremidades (mãos e pés). Termos referentes a outras partes do corpo aparecem apenas mais tarde. Outro aspecto interessante é que partes do corpo humano que são móveis ou extremamente importantes em captar o mundo ao redor (como "olho" (eye) ou "orelha" (ear) são representadas na linguagem antes do que outras que não apresentam essas características (tais como "bochecha" (cheek), "cabelo" (hair), "testa" (forehead), etc.).

Nos dados analisados nota-se também uma falta total de termos referentes aos genitais. Se se quiser considerar a hipótese de que partes do corpo envolvidas nas funções primárias se refletem mais cedo na linguagem, e embora a atividade predominante nessa idade seja a de alimentar-se, seria de se esperar uma maior presença

das funções eliminativas nos vocabulários dessas crianças. O mesmo acontece quando se considera a extrema sensibilidade dessas partes do corpo. Contudo, os dados incluem tais termos. No entanto, considerando-se as datas em que cinco dos sete estudos incluídos foram publicados, é possível imaginar-se que um "viés moralístico" possa ser responsável por esse fato.

Nada se encontrou nos dados que levasse a reforçar a hipótese de que a ordem de aquisição teria algo a ver com a forma das partes do corpo, que, como se recorda, fora levantada na revisão teórica.

Outro aspecto da análise poderia ser também a importância do aspecto "visibilidade" nas palavras adquiridas em primeiro lugar pela criança. Os dados também não são conclusivos nesse aspecto sobretudo porque não se sabe se a criança usou os vocábulos referindo-se ao seu próprio corpo ou aos corpos de outras pessoas ou bonecos. Estudos posteriores poderiam investigar a relevância desse aspecto e opô-lo, por exemplo, à extensão em que essas partes são "tocáveis", conforme Schilder sugere (veja-se a seção II deste trabalho). Se considerarmos "visibilidade" como = aquilo que é externo ao corpo, entretanto, é claro que quase a totalidade dos termos se refere a partes externas do corpo.

No que se refere a possíveis diferenças existentes entre línguas distintas, os dados da única informante bilíngüe do estudo não são suficientes para levar-nos a qualquer conclusão, sobretudo porque as circunstâncias e extensão de uso das duas línguas por essa informante parecem ser bem diferentes.

2. Segundo estágio

Tabela 4
PALAVRAS ADICIONAIS NA NOMENCLATURA
DAS PARTES DO CORPO
IDADES DE 2; 07 A 4 (SEGUNDO ESTÁGIO)

INFORMANTE A	INFORMANTE E	INFORMANTE F
back (36)	arms (36)	nail (31)
body (36)	bones (36)	anus (32)
curl (36)	cheel (36)	chest (32)
ellbow (36)	chin (36)	heart (32)

INFORMANTE A	INFORMANTE E	INFORMANTE F
head (36)	curls (36)	testicle (32)
heart (36)	face (36)	throat (32)
lap (36)	forehead (36)	forehead (34)
shoulder (36)	head (36)	
stomach (36)	heel (36)	
tongue (36)	lap (36)	
blood (48)	leg (36)	
bottom (48)	lip (36)	
breast (48)	nail (36)	
heel (48)	neck (36)	
lip (48)	shoulder (36)	
nipples (48)	teeth (36)	
neck (48)	throat (36)	
throat (48)	thumb (36)	
	tongue (36)	
	tummy (36)	
	back (48)	
	blood (48)	
	brain (48)	
	lungs (48)	
	skin (48)	
	skull (48)	
TOTAL: 18	TOTAL: 26	TOTAL: 7

A Tabela 4 apresenta dados referentes às idades de dois anos e meio em diante. Os informantes se reduzem a três, e, nos primeiros dois casos (informantes A e E), não temos dados sobre a ordem exata de aquisição, sabendo apenas que ela ocorreu entre três e quatro anos de idade. No terceiro caso, o número em parênteses representa o mês em que se realizou a aquisição do termo. Como um complemento a esses dados, pode-se examinar também as últimas aquisições do primeiro estágio (Tabela 2), especialmente quando as idades dos informantes se aproxima de dois anos e sete meses.

Neste estágio, todos os informantes foram observados até a idade de quatro anos. Os informantes A e E foram observados em intervalos discretos, e o informante F, continuamente.

a) Quantidade de palavras

O número de palavras apresentado pelos informantes A e E parece ser significativamente superior àquele apresentado pelo informante F. Isso poderia dever-se ao fato de que esse último informante já tivesse adquirido as palavras no primeiro estágio, ou a diferenças na metodologia de cada estudo. A Tabela 5 mostra o total de palavras adquiridas em cada estágio, e o resultado final.

Tabela 5

TOTAL DE PALAVRAS UTILIZADAS PELOS INFORMANTES EM CADA UM DOS ESTÁGIOS E EM GERAL

INFORMANTE	1º ESTÁGIO	2º ESTÁGIO	TOTAL GERAL
A	22	18	40
E	11	26	37
F	36	7	43

Por esses resultados, pode-se observar que o vocabulário total adquirido pelas três crianças não parece ser muito diferente aos quatro anos de idade, constituindo-se em todos os casos de mais ou menos 40 palavras. Naturalmente, algumas diferenças podem ter ocorrido quanto ao momento exato da aquisição.

b) Tipo de palavras

(1) Nomenclatura das partes vs. do todo

As tendências nesse grupo de dados são menos evidentes. No caso específico dos dados do informante E, há muitos termos de nomenclatura das partes, mas a aquisição destes pode ter ocorrido entre 18 e 36 meses de idade (que é a data da última observação). Se não considerarmos esse fato, contudo, pode-se observar que os detalhes são ainda predominantes, mas que eles pertencem a um nível mais alto, na partonomia do corpo humano, do que as pala-

vas adquiridas no primeiro estágio. Em outras palavras, os termos se referem a detalhes mais precisos, tais como "cacho" (curl), "lábio" (lip), "calcanhar" (heel), "ânus" (anus), etc. Da mesma forma, pela primeira vez alguns termos mais gerais, pertencentes aos níveis mais baixos da paronímia são utilizados, tais como "corpo" (body) e "cabeça" (head), embora o número de ocorrências não pareça representativo.

A tendência geral dos dados parece indicar uma maior especificação de detalhes e o início da generalização.

(2) Ordem de aquisição: outras tendências

Nesse estágio, não parece haver uma concentração de palavras referentes a alguma parte específica do corpo, tal como a cabeça, ou membros, por exemplo. O tronco, praticamente ausente no primeiro estágio, é agora mencionado, e a cabeça e membros descritos com mais detalhes.

Também não se notou qualquer relacionamento do número de ocorrências com a forma das partes do corpo. Por outro lado, o traço [+ interior], quase ausente dos primeiros dados, aparece em termos tais como "garganta" (throat), "língua" (tongue), "cérebro" (brain) e "coração" (heart). Embora esse fato ocorra sobretudo no caso do informante E, possa ser significativo; é de se notar que ocorre também no caso das aquisições mais tardias do informante B, (vide Tabela 2).

Uma análise mais profunda se torna difícil devido ao fato de que a amostra se reduz a apenas três informantes. Contudo, pode-se afirmar, tentativamente, que nesse estágio o vocabulário reflete um conhecimento mais extensivo do corpo humano; as partes mais conhecidas são exploradas com mais detalhes, e, finalmente, que a criança pouco a pouco se conscientiza da dimensão interior de seu corpo, ou seja, aquelas partes que estão sob a pele.

F. Conclusões

Embora restrições devidas ao tamanho da amostra devam ser levadas em consideração, é possível delinear-se algumas conclusões com base nos dados acima.

1. A aquisição da nomenclatura das partes do corpo até a idade de quatro anos apresenta um claro desenvolvimento evolutivo; pode-se resumir as tendências mais nítidas dizendo-se que ela se faz:

- a) de forma geral, das partes para o todo;
- b) da percepção total de cada parte (por exemplo, o olho para seus vários componentes (sobrancelhas, pestanas, íris, pupila, etc.);
- c) das partes da cabeça e dos membros para o resto do corpo;
- d) do traço [+ exterior] para [- exterior];
- e) das partes mais sensitivas para as menos sensitivas.

2. Os dados não permitem qualquer conclusão relativa a traços sugeridos pela revisão teórica, tais como [+ externo, + visível] vs. [+ externo, -visível], forma, ou variações interlingüísticas. Também nada sugerem em termos de oporem-se compreensão e produtividade dos termos, pela sua própria natureza. É fundamental que lembremos, ao considerar esses dados, que eles foram produto de observação natural da criança, ou seja, foram registrados apenas quando a criança empregou os termos específicos em sua fala espontânea. Dados muito diferentes poderiam haver sido encontrados se se testasse compreensão dos termos, ou se testes específicos fossem utilizados para eliciar respostas específicas (veja-se, por exemplo, a metodologia utilizada na seção que se segue).

3. Os informantes parecem atingir um nível semelhante de vocabulário das partes do corpo aos quatro anos de idade; portanto, o estágio de desenvolvimento vocabular parece estar correlacionado com idade e desenvolvimento cognitivo.

4. Em termos de metodologia, observações contínuas ou discretas parecem produzir resultados semelhantes. É de se supor que mesmo que ocorram diferenças individuais, essas serão evidenciadas nas duas análises (veja-se, em especial, os dados relativos ao informante E nas Tabelas 2 e 5).

IV – EXPLORANDO A ORDEM DE DESCRIÇÃO DAS PARTES DO CORPO EM DUAS LÍNGUAS

Na seção II deste artigo sugeriu-se que algumas culturas têm uma ordem que é considerada certa para a descrição das partes do corpo. Pareceu-me interessante explorar se dados práticos re-

velariam qualquer diferença nesse sentido entre falantes de duas línguas diversas, tais como português e inglês, ainda que, tanto quanto eu saiba, não existe em nenhuma delas o que se consideraria uma "ordem certa" para descrever as partes do corpo.

A. Informantes

As informantes foram quatro crianças do sexo feminino, com idades variando entre quatro anos e quatro anos e três meses. Todas são filhas de estudantes de pós-graduação em uma universidade americana; duas são falantes nativas de português, e, por não estarem ainda freqüentando a pré-escola americana, têm contato apenas ocasional com o inglês; ambas foram identificados como monolíngües pelas mães, com conhecimento de apenas poucas palavras em inglês. As outras duas são falantes nativas de inglês.

B. Instrumentos

Uma boneca de plástico, do sexo feminino, sem roupas, foi usada no experimento. Para proporcionar maior naturalidade por parte da criança, não se utilizou gravador; em lugar disso, as palavras ditas por ela foram registradas em uma folha de papel, na ordem em que foram pronunciadas.

C. Procedimento

Os objetivos do experimento foram previamente explicados para cada uma das mães das crianças, em uma situação de entrevista informal. Para evitar falta de naturalidade por parte da criança, a investigadora, que conhecia suficientemente as crianças e as famílias a ponto de esse procedimento não ser considerado estranho, simulou estar estudando sentada a uma mesa perto do lugar onde a mãe convidou a criança a brincar com a boneca fornecida pela investigadora. Depois de alguns momentos de brincadeira informal, a mãe pediu à criança que lhe dissesse que partes do corpo da boneca ela podia nomear.

D. Resultados e Discussão

A Tabela 6 mostra a ordem de ocorrência do vocabulário das partes do corpo utilizadas na descrição. Para facilitar a compara-

ção, os termos são apresentados em português, e quando não existe correspondência exata entre as duas línguas (ex.: "dedos" identifica tanto os artelhos como os dedos da mão em português, quando em inglês existem dois vocábulos distintos para os mesmos, "fingers" e "toes"), isso é salientado.

Tabela 6

ORDEM DE IDENTIFICAÇÃO NOS TERMOS REFERENTES AS PARTES DO CORPO EM DESCRIÇÕES FEITAS POR QUATRO CRIANÇAS

INFORMANTES TERMOS	INGLÊS		PORTUGUÊS	
	A	B	C	D
cabeça	—	1	—	—
olho(s)	1	3	1	2
orelha(s)	5	—	6	4
boca	2	2	3	1
nariz	3	4	2	3
pestana(s)	—	5	—	—
sobrancelha(s)	—	—	5	—
peito ("trunk")	7	6	—	—
barriga ("stomach")	—	7	—	5
umbigo	—	—	—	7
órgãos genitais ("pipi")	8	—	—	6
braços	6	—	—	8
pernas	10	10	—	10
pés	11	11	8	11
dedos do pé	—	—	—	12
mãos	9	8	7	9
dedos da mão	—	9	—	13

Considerando-se o número de itens, os resultados não parecem indicar diferenças entre as duas línguas. Uma das meninas apresenta um desempenho inferior às demais (Informantes C), mas isso poderia ser atribuído a diferenças pessoais, já que a outra falante de português apresenta um desempenho superior.

Da mesma forma, embora o mesmo lexema possa ser usado para indicar "dedos da mão" e "artelhos", em português, isso apa-

rentemente não interferiu com os resultados, já que a Informante D usou o termo (em sua forma diminutiva "dedinhos" duas vezes para indicar partes distintas do corpo.

Comparando-se as ordens de descrição apresentadas pelas informantes com a ordem dos índios Navajos, contudo, algo inteiramente diverso ocorreu, já que todas as crianças observadas começaram a descrever o corpo pela parte superior (cabeça) e terminaram com as extremidades. Se essas diferenças são realmente significativas em termos culturais poderia ser o objeto de outros estudos.

Outro ponto digno de nota é que as crianças se referiram mais a partes específicas do corpo do que a termos mais gerais (por exemplo, "olho" vs. "cabeça", e que nenhuma delas usou a palavra "corpo", ou seja, o nível zero na paronímia anatômica, embora isso possa ter sido um produto da qualidade das instruções ("me diga de que partes do corpo dessa bonequinha você sabe o nome"/"name the parts...").

As seguintes conclusões tentativas podem ser formuladas:

1. Não existem diferenças significativas no vocabulário ou ordem de descrição entre as duas línguas estudadas.
2. A tendência do parcial ao total, e da cabeça para as extremidades é confirmada pelos dados.
3. Como seria de se esperar, a utilização de perguntas específicas na metodologia de coleta de dados parece produzir um maior número de vocábulos do que se se registra a fala espontânea da criança.

Entretanto, as limitações desse estudo são numerosas, e essas conclusões devem ser consideradas com cautela até que se disponha de mais dados de pesquisa.

V – CONCLUSÕES GERAIS E SUGESTÕES PARA PESQUISA FUTURA

Nesta seção, em primeiro lugar analisarei uma das três seções precedentes, procurando conclusões comuns: a partir dessas, serão estabelecidas as conclusões gerais do estudo, bem como sugestões para pesquisa posterior.

As conclusões parciais da seção teórica sugerem a existência de profundas inter-relações entre as áreas estudadas. Mais ainda, elas nos levam a pressupor a existência de uma base comum para

os vários fenômenos e manifestações do ser humano. O mesmo ocorre quando se examinam as conclusões relativas aos dados empíricos das seções III e IV, ainda que se considere a limitação intrínseca de ambos os conjuntos de dados. Por essa razão, algumas conclusões gerais parecem emergir com relativa naturalidade, como se deseje num estudo com o tipo de metodologia aqui utilizado.

Em primeiro lugar, parece evidente que a língua, quer seja considerada como aquisição individual ou como fenômeno cultural, está profundamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo, o mesmo acontecendo com a expressão gráfica. Isso parece reforçar as sugestões teóricas de Clark (1973) e Anglin (1976), que sugerem que o estudo semântico da linguagem infantil deve basear-se no desenvolvimento cognitivo. É igualmente evidente que o desenvolvimento cognitivo parece emergir do desenvolvimento de uma imagem corporal e na consciência do corpo, que é alcançada através das experiências da criança em termos de percepção e movimento. Portanto, é natural pressupor-se um íntimo e profundo relacionamento entre esses níveis, e considerar-se que eles não podem ser analisados separadamente. Em outras palavras, é lícito esperar-se que a língua e os desenhos reflitam a imagem corporal da criança, e que se inclua as representações lingüísticas e gráficas do corpo em qualquer estudo cognitivo.

Em segundo lugar, como uma conseqüência lógica, todos os dados analisados parecem confirmar a existência de universais subjacentes na aquisição semântica, conforme sugerem Postal, Bierwisch e Clark (1973-a), já que o domínio cognitivo é a base comum das aquisições. Para mencionar um exemplo, apenas, a presença predominante da cabeça e extremidades nas representações lingüísticas e gráficas do corpo humano nos primeiros anos da infância parecem estar relacionados com as primeiras imagens corporais.

Da mesma forma, a existência de etapas bem definidas no desenvolvimento cognitivo, lingüístico e gráfico parece ser um fato inquestionável. Apesar disso, contudo, não existe entre os estágios uma correspondência perfeita. Por exemplo, os dados analisados mostram a existência de diferenças entre os estágios lingüísticos e os estágios gráficos, com os primeiros precedendo em muito, por vezes, os segundos. Essas diferenças, todavia, poderiam ser explicadas pelo fato de que nomear uma parte do corpo não significa ter adquirido totalmente a imagem ou o conceito relativos àquela

parte. Como Clark (1973-a) mostra em vários estudos, a presença de um termo no vocabulário da criança não significa que ela tenha adquirido o conceito que o adulto usa, e qualquer estudo em semântica deve incluir os dois níveis, o da compreensão e o da produção, e, dentro da última, separar a produção espontânea da produção eliciada. Portanto, é razoável supor-se que a criança incorporou o lexema ao seu domínio lingüístico, mas ainda não incorporou o conceito a sua imagem corporal, e apenas quando isso acontecer seus desenhos o revelarão.

Outra explicação alternativa para o mesmo fato seria que, como o desenho é uma forma ulterior de comunicação, quando comparado ao uso da língua, a criança também passaria por estágios semelhantes aos lingüísticos na representação gráfica, mas esses ocorreriam mais tarde. Seja qual for a explicação, contudo, o relacionamento entre expressão gráfica e domínio da língua, e entre ambos e o desenvolvimento cognitivo parece ser ponto pacífico. Não parece ser por acaso que tantos processos semelhantes (tais como, por exemplo, a representação das partes do corpo em um primeiro estágio como elementos independentes que progressivamente se tornam inter-relacionados) aparecem em todas as análises. Entretanto, é desejável que se acumulem mais dados empíricos nesta área.

No futuro, a pesquisa poderia explorar o relacionamento existente entre imagem corporal, desenvolvimento cognitivo, vocabulário referente ao corpo e a representação gráfica deste, bem como a existência de elos entre esses e a aquisição das relações temporais e espaciais.

Mais especificamente, sugere-se o desenvolvimento de estudos sobre a ordem de aquisição das "partes do corpo" em cada uma das áreas acima, sobre o papel das diversas aquisições em outros domínios cognitivos, e, finalmente, sobre o relacionamento entre esses aspectos e seu reflexo na língua como um fenômeno social (por exemplo, em estudos lingüístico-antropológicos).

Por outro lado, este estudo evidencia que há uma série de fatos já observados em estudos lingüístico-antropológicos que devem ser incluídos em qualquer análise sobre o desenvolvimento infantil, tais como o nível de discriminação que a língua apresenta, as extensões de cada termo, etc.

A conclusão mais importante que este estudo me sugere, contudo, é a noção claramente expressa por Cratty (1969, p. 19), que

diz: "O ser humano é um organismo integrado. Por conveniência, freqüentemente fragmentamos suas ações e comportamentos para estudá-los ou modificá-los de alguma maneira". Mesmo quando isto é por razões metodológicas, contudo, parece-me que, como ele diz, devemos permanecer cômicos das formas em que os comportamentos verbais, perceptuais, motores e cognitivos se inter-relacionam e, na verdade, se integram.

VI — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANGLIN, J. M. The child's first time of references. In: ERLICH, S. e TULVING, E. (Eds.). *La mémoire sémantique*. Bulletin de Psychologie, 1976, p. 232-41.
2. ARNHEIM, D. D.; AUXTER, D. & CROWE, W. C. *Principles and methods of adapted physical education*. St. Louis, C. V. Mosby, 1973.
3. BOYD, W. The development of a child's vocabulary. *Pedagogical Seminary*, 21: 95-124, 1914.
4. BROWN, G. General principles of human anatomic partonomy and speculations on the growth of partonomic nomenclature. *American Ethnologist*, 3 (3): 400-24, nov. 1976.
5. CLARK, E. V. What's in a word? On a child acquisition of semantics in his first language. In: MOORE, T. E. (Ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York, Academic Press, 1973-a.
6. ———. Non-linguistic strategies and the acquisition of word meanings. *Cognition*, 2: 161-82, 1973-b.
7. ———. Some aspects of the conceptual basis for first language acquisition. In: SCHIEFELBUSCH, R. L. & LLOYD, L. L. (Eds.). *Language perspectives: acquisition, retardation and intervention*. Baltimore, University Press, 1974.
8. ———. Knowledge, context and strategy in the acquisition of meaning. In: DATO, D. P. (Ed.). *Georgetown University Round Table*, 1975. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1975.
9. CLARK, E. V. & GARNICA, O. K. Is he coming or going? On the acquisition of deictic verbs. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13: 559-72, 1974.
10. CRATTY, B. J. *Perceptual-motor behavior and educational processes*. Springfield, Ill., Charles C. Thomas, 1969.
11. FRIEDRICH, P. Metaphor-like relations between referential subsets. *Lingua*, 24 (1): 1-10, 1969.
12. ———. Shape in grammar. *Language*, 46 (2): 379-407, 1970.
13. FROSTIG, M. & MASLOW, P. *Learning problems in the classroom*. New York, Grune Stratton, 1973.
14. GRANT, J. R. A child's vocabulary and its growth. *Pedagogical Seminary*, 22: 183-203, 1915.
15. HARRIS, D. B. *Children's drawing as a measure of intellectual maturity*. New York, Harcourt, Brace & World, 1963.
16. KELLOGG, R. & O'DELL, S. *The psychology of children's art*. New York, Random, 1967.
17. LARK-HOROVITZ, B.; LEWIS, H.; LUCA, M. *Understanding children's art for better teaching*. 2. ed., Columbus, Ohio, Charles Merrill, 1973.

18. LEOPOLD, W. F. *Speech development of a bilingual child*. Evanston, Northwestern University Press, 1939.
19. LISTON, J. L. The semantic structure of body-part terms in serbo-croatian: the part-whole hierarchy. *Anthropological Linguistics*, 14 (8): 323-38, nov. 1972.
20. LOWENFELD, J. L. & BRITTAİN, W. L. *Creative and mental growth*. 5.ed., New York, Macmillan, 1970.
21. MCLUTRE, E. F. Ethno-anatomy: the structure of the domain. *Anthropological Linguistics*, 17 (2): 78-88, Feb. 1975.
22. MOORE, K. C. *The mental development of a child*. New York, Macmillan, 1896.
23. NICE, M. M. The development of a child's vocabulary in relation to environment. *Pedagogical Seminary*, 22: 35-64, 1915.
24. SANPANVEJSOPA, V. Personal information. Stanford University, 1977.
25. SCHILDER, P. *The image and appearance of the human body*. New York, International Universities, 1950.
26. SELTZER et alii. *Métodos de pesquisa em relação social*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1966.
27. SMITH, N. V. *Acquisition of Phonology: a case study*. Cambridge, University Press, 1973.
28. STARK, L. The lexical structure of Quechua Body-Parts. *Anthropological Linguistics*, 11: 1-15, 1969.
29. UNGARETTI, H. V. Personal information. Porto Alegre, Brasil, 1976.
30. WEIR, R. H. *Language in the crib*. The Hague, Mouton, 1982.
31. WERNER, O. & BEGISHÉ, K. Y. A lexemic typology of Navajo anatomical terms: the foot. *International Journal of American Linguistics*, 36 (4): 246-65, 1970.